

Trovadorismo, Renascimento e Quinhentismo

Texto I

Atrás da porta

Quando olhaste bem nos olhos meus,
E o teu olhar era de adeus.
Juro que não acreditei.

Eu te estranhei, me debrucei, sobre teu corpo,
E duvidei, e me arrastei, e te arranhei,
E me agarrei nos teus cabelos, nos teus pelos,
Teu pijama, nos teus pés, ao pé da cama,
Sem carinho, sem coberta,
No tapete atrás da porta,
Reclamei baixinho.

Dei pra maldizer o nosso lar,
Pra sujar teu nome, te humilhar,
E me vingar a qualquer preço.
Te adorando pelo avesso.
Só pra mostrar qu'inda sou tua.
Até provar qu'inda sou tua.

(BUARQUE, Chico e HIME, Francis. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45113/>. Acesso em 26 de março de 2014.)

1. Alguns séculos separam a canção “Atrás da porta”, de Chico Buarque e Francis Hime, das cantigas medievais. No entanto, podemos reconhecer na música elementos que nos remetem à tradição trovadoresca. Levando em consideração aspectos formais e temáticos nela presentes, responda: a que tipo de cantiga medieval “Atrás da porta” mais se aproxima? Justifique sua resposta utilizando trechos do texto.

Texto II

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocavam por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco de tudo o que lhes oferecíamos. Alguns deles bebiam vinho; outros não o podiam suportar. Mas quer-me parecer que, se os acostumarem, o hão de beber de boa vontade. (...)

Quando saímos do batel, disse-nos o Capitão que seria bem que fôssemos diretamente à cruz que estava encostada a uma árvore, junto ao rio, a fim de ser colocada amanhã, sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para que eles vissem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. E a esses dez ou doze que lá estavam, acenaram-lhes que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual preza a Nossa Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhe deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim!

(CASTRO, *Sílvio*. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996)

2. Pero Vaz de Caminha fala, em sua carta, sobre a “salvação” dos povos indígenas por meio da religião católica. Isso indica que, em sua maioria, os portugueses

- reconheciam o valor da cultura indígena, mas não a consideravam superior à deles.
- relevavam a nítida inferioridade intelectual dos índios, a fim de os igualarem aos europeus.
- negavam a possibilidade de conversão dos índios à mesma religião dos povos superiores.
- buscavam apresentar a fé católica aos índios para garantir-lhes lugar na elite colonial.
- desconsideravam a possibilidade de que outras religiões além da sua pudessem garantir ao homem salvação.

3. Leia o trecho abaixo, retirado da canção “Índios”, de Renato Russo:

Quem me dera ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
Conseguiu me convencer que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.
(...)
Quem me dera ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto
Como o mais importante
Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente.
Quem me dera ao menos uma vez
Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês
É só maldade, então, deixar um Deus tão triste
(...)
Quem me dera ao menos uma vez
Como a mais bela tribo
Dos mais belos índios
Não ser atacado por ser inocente.

Na canção “Índios”, de Renato Russo, estão presentes alguns aspectos característicos da relação estabelecida entre os colonizadores europeus e as tribos indígenas que habitavam a costa do Brasil. Comente-os.

4. Comparando o trecho da *Carta de Pero Vaz de Caminha* com a canção “Índios”, de Renato Russo, podemos afirmar que:

- a) apresentam pontos de vista semelhantes com relação ao contato dos portugueses com os indígenas.
- b) denunciam a exploração sofrida pelos povos indígenas.
- c) evitam ser testemunhos fieis de uma realidade.
- d) destoam entre si em seu retrato da relação entre colonizador e colonizado.
- e) negam o seu valor artístico, objetivando um valor político.

Gabarito

1. A música de Chico Buarque e Francis Hime se aproxima das cantigas de amigo. Do ponto de vista formal, os principais elementos que nos fazem chegar a essa conclusão é a presença do eu lírico feminino (“Só pra mostrar qu'inda sou **tua**. / Até provar qu'inda sou **tu**.”) e de musicalidade (uso de rimas). No que diz respeito ao tema, a canção fala sobre o sofrimento amoroso, fruto da partida do amado (“Quando olhaste bem nos olhos meus, / E o teu olhar era de adeus.”; “No tapete atrás da porta, / Reclamei baixinho.”), tema muito presente nas cantigas de amigo.
2. E
3. As características da relação entre colonizador e colonizado presentes na canção de Renato Russo são: a exploração de nossos recursos naturais por meio do escambo (“Quem me dera ao menos uma vez / Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem / Conseguir me convencer que era prova de amizade / Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.”), e a imposição da fé cristã (“Quem me dera ao menos uma vez / Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três.”).
4. D